

A sigatoka-negra na *Heliconia psittacorum*

¹Luadir Gasparotto; ¹José Clério R. Pereira & ²Rogério E. Hanada
¹Embrapa Amazônia Ocidental, CP. 319, CEP 69.011-970, Manaus – AM; INPA, CP. 478, CEP 69011-970, Manaus – AM; e-mail: gasparot@cpaa.embrapa.br

Introdução

Entre as flores tropicais, as helicônias encantam pela sua diversidade de formas, texturas e cores. O fascínio dessas plantas vêm de suas brácteas, erroneamente chamadas de flores, que são folhas modificadas para atrair pássaros e insetos. No mercado de flores, onde, a cada dia, surgem novidades, suas inflorescências vêm ganhando mais admiradores, por conta de sua beleza ímpar. Há helicônias com inflorescências de variadas cores: rosa-clara, preta, diversos tons de verde, amarelo, laranja e vermelho, muitas vezes apresentando combinações de cores contrastantes.

Existem aproximadamente 180 espécies descritas de helicônias, nativas de regiões tropicais e originárias do Caribe e das Américas Central e do Sul, podendo ocorrer em altitudes de até 2000 m, em locais sombreados e a pleno sol. *Heliconia* é um gênero pouco estudado em virtude do grande número de espécies e da dificuldade de coleta e preservação de sua inflorescência. O gênero *Helicônia* é constituído de plantas herbáceas rizomatosas, de porte ereto, variando, conforme a espécie, de 0,5 a 10 m de altura.

A Heliconiaceae constitui uma das famílias mais importantes da floricultura tropical, destacando-se as espécies *Heliconia psittacorum*, *H. rostrata*, *H. birai*, *H. stricta*, *H. hirsuta*, *H. augusta* e *H. chartaceae*.

As condições de cultivo das helicônias, relacionadas principalmente, aos fatores climáticos como umidade e temperatura favorecem a ocorrência de problemas fitossanitários, os quais têm sido poucos estudados. Foram descritas as seguintes doenças em helicônias: antracnose, causadas, principalmente, por fungos do gênero *Colletotricum*; mancha de *Bipolaris* (*B. incurvata* a mais

comum),mancha de *Deightoniella* (*D. toluosa*), mancha de *Curvularia* (*C. lunata*), ferrugem (*Puccinia heliconiae*), podridão de raiz (*Fusarium oxysporum* f.sp. *cubense*), nematoses (nematóides do gêneros *Meloidogyne* e *Helicotylenchus*), moko da bananeira (*Ralstonia solanacearum*, Raça 2) que afeta diversas espécies de helicônias e a faixa clorótica causada por *Rhabdovirus*. Em 2005, foi registrada a ocorrência do fungo *Mycosphaerella fijiensis*, agente causal da sigatoka-negra da bananeira, causando manchas nas folhas da *Heliconia psittacorum* (Fig. 1).



FIG. 1- Inflorescências de *Heliconia psittacorum*.

O fungo *M.fijiensis* foi detectado no Brasil em 1998, nos municípios de Tabatinga e Benjamin Constant, Estado do Amazonas. Atualmente encontra-se disseminado nas Regiões Norte, Sul, Sudeste e Centro-Oeste, exceto no Distrito Federal e nos Estados de Tocantins, Rio de Janeiro, Espírito Santos e Goiás. Em bananeira é um sério problema pois causa 100 % de perdas nas cultivares Maçã, Prata Comum, Prata Graúda, Nanicão, Grande Naine etc. e no plátano D'Angola.

Na *H. psittacorum* causa a morte das folhas e, conseqüentemente, a qualidade das flores.

Sintomas

Os sintomas na *H. psittacorum* (Fig. 2) inicialmente são pontos cloróticos, mais facilmente perceptíveis quando o limbo foliar é colocado contra a luz. Posteriormente, ocorre expansão dos pontos cloróticos dando origem a lesões ligeiramente arredondadas de coloração amarela na face adaxial e creme na face abaxial. Neste estágio, as lesões são mais facilmente visualizadas na face adaxial. As lesões crescem radialmente, adquirindo coloração marrom-claro com bordos proeminentes de coloração amarela na face abaxial e amarelo-claro na face adaxial. Em seguida, na face abaxial as lesões adquirem em toda sua extensão a coloração marrom, com subseqüente redução do halo amarelo. Na mesma área correspondente, na face adaxial, forma-se uma coloração amarela mais intensa. A partir deste estágio, as lesões expandem radial e longitudinalmente, adquirindo a coloração marrom-escura na face abaxial e centro marrom-claro com halo proeminente na face adaxial. Em seguida, as lesões de coloração marrom-escura, de formato ligeiramente elíptico, podem coalescer e o limbo torna-se marrom na face abaxial e clorótico em toda sua extensão na face adaxial devido a coalescência de lesões com halo amarelo proeminente. Com o progresso, as lesões na face adaxial tornam-se marrom-claras. A partir deste estágio, inicia-se o amarelecimento do limbo foliar no sentido do ápice para a base. A face abaxial torna-se marrom a partir do ápice e a face adaxial adquire tonalidade amarelo intenso. Mesmo nos estádios finais da doença não ocorre necrose do limbo foliar na área das lesões, e as lesões de coloração marrom-escuro apresentam-se com formato alongado do tipo elipse. A senescência não ocorre de forma individualizada na área correspondente à lesão, mas em todo o limbo foliar que se mostra desidratado. Finalmente, todo o limbo adquire, na face abaxial, coloração palha (cinza com manchas castanhas marrom-acinzentadas) e, na face adaxial, marrom-claro em toda extensão do limbo.



FIG. 2-Manchas em folhas de *Heliconia psittacorum* causadas por *Mycosphaerella fijiensis*.

No teste de patogenicidade utilizando os isolados oriundos da *H. psittacorum* e da bananeira cv. Prata Anã, inoculando-os na *H. psittacorum* e na cv. Prata Anã, através de técnica de inoculação cruzada, observou-se que o isolado da *H. psittacorum* inoculado na bananeira apresentou um período de incubação em torno de 120 dias, enquanto que na helicônia foi de 52 dias. Os resultados positivos das inoculações cruzadas indicam que *H. psittacorum* pode atuar como veículo de disseminação do *M. fijiensis* a longas distâncias, principalmente quando suas flores são exportadas para regiões do País onde não ocorre a doença.

Está em andamento um trabalho para avaliar se as helicônias: *Heliconia rostrata*, *H. birai* (brácteas vermelhas com as bordas verde/amarelas), *H. stricta*, *H. hirsuta*, *H. augusta*, *H. chartaceae*, *H. spathocircinada* (variedades Red Torch e Golden Torch), *H. librata*, *H. red opal* e *H. stricita* e as bananeiras ornamentais: *Musa ornata*, *M. velutina*, *M. laterita*, o híbrido Royal (*M. ornata* x *M. velutina*) e

variedade Monyet (*M. sumatrana* = *M. acuminata* Colla subsp. Zebrina) são suscetíveis ao *M. fijiensis*.

Bibliografia consultada

COELHO, R. S. B. Manejo de doenças de plantas tropicais. In: POLTRONIERI, L.S.; TRINDADE, D. R. & SANTOS, I. P. Pragas e doenças de cultivos Amazônicos. Belém, PA: Embrapa Amazônia Oriental, 2005. p. 61-94.

GASPAROTTO, L.; PEREIRA, J. C. R.; HANADA, R. E. & MONTARROYOS, A. V. V. Sigatoka-negra da bananeira. Manaus: Embrapa Amazônia Ocidental, 2006. 177p.

GASPAROTTO, L.; PEREIRA, J. C. R.; URBEN, A. F.; HANADA, R. E. & PEREIRA, M. C. N. *Heliconia psittacorum*: hospedeira de *Mycosphaerella fijiensis*, agente causal da sigatoka-negra da bananeira. Fitopatologia Brasileira 30: 423-425. 2005.

HANADA, R. E.; GASPAROTTO, L. & PEREIRA, J. C. R. Esporulação de *Mycosphaerella fijiensis* em meio de cultura. Fitopatologia Brasileira 27: 170-173. 2002.

PEREIRA, J. C. R.; GASPAROTTO, L.; COELHO, A. F. & URBEN, A. F. Ocorrência da sigatoka-negra da bananeira no Brasil. Fitopatologia Brasileira 23: 295. 1998. (Resumo).

TERAO, D.; CARVALHO, A. C. P. P. & BARROSO, T. C. S. F. Flores tropicais. Brasília, DF: Embrapa Informação Tecnológica, 2005. 225p.